



PRÁTICA DISCURSIVA, PRÁTICA SOCIAL – O NÃO DITO EM CARTAZES DE CAMPANHA CONTRA AIDS. ¹

Camila do Nascimento Carmo²

Resumo

O aparecimento da AIDS provocou um clima de grande pânico coletivo na sociedade. Fazia parte do imaginário social à ideia de que o vírus era uma “doença gay”, o que contribuiu com a propagação de discursos violentos e excludentes direcionados a população homossexual. Como forma de tornar explícito o exercício do poder sobre a linguagem e seus perigos, aqui se delineia um trabalho a fim de analisar práticas discursivas presentes em cartazes de campanhas de prevenção ao vírus da AIDS, onde serão apontados gestos que mascaram outras formas de práticas sexuais. Tendo em vista que o discurso se constitui como local privilegiado na disputa hegemônica, e a linguagem não é transparente, o não dito será colocado em evidência neste trabalho.

Palavras- Chaves: AIDS – Análise do Discurso- Heteronormatividade

Introdução

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 1971)

¹ Este trabalho é resultado da atividade avaliativa do componente curricular Estudos Linguísticos II

² Discente do curso de Letras - LIBRAS - Língua Estrangeira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), bolsista do PET Educação e Sustentabilidade/CAPES (interdisciplinar), membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Gênero, Diversidade e Sexualidade (Núcleo Capitu/UFRB-CFP). camila.ncarmo@gmail.com

Ao pensar o discurso como “prática discursiva”, assim como defende o filósofo francês Michel Foucault, é importante saber que essa prática relaciona a língua com o “campo social”. As práticas realizadas nesse campo acabam por controlar a palavra, dominando aquilo que pode ser dito e o que não pode. A esse controle existente no discurso, são atribuídos poderes, que além dos perigos, leva a dizer verdades escondidas e a enxergar aquilo que os outros, talvez por ingenuidade, não percebem.

Em disputa com as regras que regem a produção dos discursos, este trabalho, a partir de uma análise discursiva, vem denunciar concepções heterossexuais perpetuadas pelo estado, através das campanhas de prevenção ao vírus da AIDS, que não revelam a existência dos indivíduos não heterossexuais. Esse grupo possui práticas sexuais ditas não normais e por isso não colocada em evidência no que diz respeito a políticas de prevenção.

A Análise do Discurso, que toma o discurso como objeto próprio, teve seu início nos anos 60 do século XX. O estudo que interessa a essa disciplina da linguística é o da língua em funcionamento para a produção de sentidos, o qual permite analisar unidades além do texto. Por meio dos teóricos franceses, os estudos sobre a Análise do Discurso chegaram ao Brasil e vem cada vez mais se consolidando.

Os sentidos produzidos na prática discursiva vão além dos significados apresentados no dicionário. Segundo Orlandi (2007, p.26)

“A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido”.

Os estudos em volta da Análise do Discurso envolvem a reflexão acerca das condições de produção dos textos analisados, as quais, de acordo com Orlandi (2007), o situam em um contexto histórico mais amplo.

Entendendo que o discurso é uma prática social, serão analisados os diferentes recursos de linguagem utilizados em cartazes de campanhas contra DST/AIDS, aqueles financiados pelo Estado, afim de “denunciar” padrões heteronormativos não expostos de forma clara em seus textos, bem como defender a importância de deixar evidentes os grupos que não seguem esse padrão.

Os discursos e a produção dos efeitos desejados

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é um drama social que coloca o estado e a sociedade em confronto direto com a necessidade de implementar políticas de prevenção. No Brasil, acontece através da distribuição de preservativos e campanhas publicitárias circuladas em comerciais televisivos e cartazes, que aqui serão posteriormente analisados, pregados em espaços públicos e privados, ressaltando a importância do “sexo seguro”.

O aparecimento da AIDS no começo dos anos 80 foi associado às práticas e identidades homossexuais, colocando as pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo em um chamado “grupo de risco”³, a classificação desse termo foi muito questionada pelo movimento homossexual, por produzir discursos carregados de preconceitos e discriminatórios. Todo esse processo acabou sendo revertido em políticas de saúde e estratégias específicas foram traçadas para a população enquadrada nesse grupo. Pouco a pouco a “peste gay”, expressão utilizada para se referir a doença durante os anos 80, passou a ser reconhecida como capaz de atingir a qualquer grupo social, no entanto o que é visível é a prevalência de um perfil heterossexual como principal, talvez único, foco de interesse.

Tendo em vista os sentidos produzidos nas práticas discursivas, é perceptível a emergência de propostas no âmbito político, referente a uma visibilidade positiva frente à comunidade homossexual/LGBT no que diz respeito à epidemia do HIV/AIDS. Sendo assim, ao pensar que elementos linguísticos e não linguísticos interagem para produzir os efeitos desejados, é possível perceber que os cartazes produzidos e circulados pelo estado, não contêm frases e imagens direcionadas a todo e qualquer grupo social. Eles são carregados de expressões e figuras que evidenciam apenas a população heterossexual, reforçando padrões normativos. Sendo assim é compreendida a perspectiva trazida pela “arqueologia do saber”, onde os questionamentos são centrados nas relações entre práticas discursivas e práticas sociais, e nos “efeitos de verdade” produzidos pelo discurso.

Prática discursiva: expressões linguísticas que traduzem padrões

Tendo em vista que as questões de linguagem envolvem as questões sociais, constituindo modelos de comportamento que reforçam disparidades, foram selecionados quatro cartazes confeccionados pelo governo federal, tendo como responsável o Ministério da Saúde e o Sistema Único de Saúde (SUS) a fim de denunciar concepções heterossexistas contidas em imagens e frases desses cartazes.

O primeiro cartaz analisado, exposto logo abaixo, traz como título a seguinte frase: “ficando ou namorando... Você continua se amando?” Em seguida, há a pergunta: “Qual sua atitude na luta contra a AIDS?” Somente com as frases, seria possível afirmar que a campanha está sendo direcionada a todo e qualquer público, mas ao observar a imagem contida nele, onde está presente um casal heterossexual, branco, abraçados, que se repete em muitas outras campanhas, nota-se através de uma leitura mais atenta, buscando compreender além do que está dito, que há uma hostilidade em torno da população não heterossexual. Encontram-se aqui conteúdos implícitos, que dizem sem dizer, constituindo assim, marcadores sociais de distinção entre os sujeitos.

³ É importante fazer uma ressalva quanto à expressão “grupo de risco”. Além da população homossexual, faziam parte desse grupo as prostitutas.



Com o objetivo de problematizar “efeitos de normalização” presentes nos cartazes, entre outras campanhas contra AIDS, a frase: “vista-se. Use sempre camisinha”, presente em preservativos distribuídos pelos Postos de Saúde da Família (PSF) e em alguns cartazes, é trazido para análise. A campanha visa promover o incentivo ao uso de preservativos, que é uma das principais formas de proteção a doenças sexualmente transmissíveis. No entanto, as imagens veiculadas neste tipo de cartaz trazem apenas os preservativos de uso masculino, não havendo o destaque necessário em relação à comunidade lésbica, tornando invisível a existência do material direcionado a esse grupo. Além de não haver divulgação publicitária, as políticas públicas de prevenção a AIDS se restringem a distribuir preservativos masculinos mascarando assim, a existência de uma multiplicidade sexual, contribuindo com o processo de segregação.



O terceiro material analisado traz mais uma vez a imagem de um preservativo masculino, juntamente com uma mensagem: “o que você fizer eu tô dentro” como forma de afirmar a importância de usar a camisinha durante as relações sexuais. Em seguida, juntamente com os símbolos dos órgãos financiadores, estão as frases: “camisinha. Com amor, paixão ou só sexo mesmo. Use sempre.” Há conteúdos implícitos nessa prática discursiva, como o de dizer verdades escondidas, constituindo o processo de “normas que se apoderam dos corpos e inscrevem neles as marcas do poder”. (FOUCAULT, 1973. APUD POCAHY, 2007, P.16).



O poder, com suas diversas formas de ação, dita as regras. Devido ao exercício desse poder, controlador daquilo que se pode falar ou não, que a campanha de prevenção ao vírus da AIDS deste ano, produzida através de filmes e cartazes, com objetivo de ser circulada durante o carnaval, foi vetada pelo ministério sendo substituída por vídeos e imagens consideradas mais educativas, transmitidas em canais de TV selecionados.

Um dos cartazes trazia a imagem de um homem abraçado com um travesti, em torno deles uma faixa com as seguintes palavras: “isso rola muito”, acompanhado da imagem de duas borboletas que carregavam preservativos, mais uma vez de uso masculino, havia uma faixa com a frase: “esperar por isso não rola”. Ainda no mesmo cartaz em questão a frase: “na empolgação rola de tudo. Só não rola sem camisinha. Tenha sempre a sua”.



Essa campanha é resultado do processo de construção e legitimação da noção dos “direitos sexuais”, batalhado pelo movimento homossexual. A inserção da multiplicidade sexual nas campanhas de combate ao vírus da AIDS foi substituída por outra menos explícita, onde os gays são citados em números, através de gráficos baseados em estatísticas, não sendo contemplados todos os indivíduos que compõem a sigla LGBT.

Segundo Graziela Frainer (2007, p. 15), “a reflexão sobre a linguagem, em suas diversas dimensões, passa pelo entendimento de que os indivíduos se constituem sujeitos e constroem o mundo social por meio de práticas de significação”. Sendo assim, é compreendido que a linguagem e a sociedade interagem constituindo o foco primordial da Análise do Discurso.

Ao interrogar aquilo que foi dito, não há a intenção de revelar verdades escondidas atrás do texto, afinal elas não existem, mas trata de multiplicar aquilo foi sugerido e apontar gestos que mascaram outras formas de práticas sexuais que também necessitam políticas públicas de prevenção.

Considerações finais

“Ser nomeado interpela e constitui o sujeito. No entanto, a enunciação injuriosa impõe a questão de saber quais palavras ferem e que representações nos ofendem”.

BUTLER, 2004

Através da Análise do Discurso, tendo o discurso como prática social, e na tentativa multiplicar o dito, foi constatado, através de imagens e frases veiculadas em cartazes de campanhas contra a proliferação do HIV/AIDS, que o discurso atua na produção de sentidos reforçando padrões heteronormativos.

A partir das reflexões aqui expostas, apesar das limitações, foi possível o entendimento de que as práticas discursivas são carregadas de ideologias e conflitos. Sendo o papel do contexto importante, mas não sempre, para analisar os discursos.

Em concordância com a assertiva de Fernando PocaHy, onde afirma que “nesta arena não está somente em jogo a desqualificação do outro, mas de tudo que ousa contradizer os instituídos, promovendo a ampliação da liberdade humana e a democracia”.(2007) Para este trabalho foram utilizados os dispositivos de interpretação, onde o dito foi colocado em relação ao não dito. Sem a pretensão de encontrar o verdadeiro sentido, mas investigar a linguagem a fim de inserir todos os indivíduos como sujeitos dos enunciados aqui expostos.

Referências

MESSEDER, Carlos. **O Impacto da AIDS, A Afirmação da “Cultura Gay” e a Emergência do Debate em Torno do “Masculino” – Fim da Homossexualidade?** Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde/ organizadores RIOS, Luís; ALMEIDA, Vagner; PARKER, Richard; PIMENTA, Cristina; TERTO, Veriano. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

SARFATI, Georges. **Princípios da Análise do Discurso.** Tradução BAGNO, Marcos. 1.ed. – São Paulo: Ática, 2010.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso Princípios e Procedimentos.** 7.ed. – Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **Les Vértés de La Palice.** Maspero, Paris, trad. Brás. *Semântica e Discurso*, E. Orlandi et alii, Editora da Unicamp.

POCAHY, Fernando. **Notas Sobre Homofobia/Heterossexismo.** Educando Para a Diversidade. Organizadora PASINI, Elisiane. Porto Alegre: Nuances, 2007.

FACCHINI, Regina. **Políticas para “Lésbicas” e para “Sapatões”: diversidade, diferenças e o enfrentamento ao heterossexismo.** Políticas de Enfrentamento ao Heterossexismo: corpo e prazer. Organizador POCAHY, Fernando. Porto Alegre: Nuances, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **O Funcionalismo em Linguística.** A gramática Funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.